

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

CARLA GISELLE SILVA PONTES

**OS DIFERENTES TIPOS DE FEMINISMOS PRESENTES DENTRO DA UNILAB E
A INCIDENCIA DO MOVIMENTO EM UM CONTEXTO PESSOAL E
ACADÊMICO**

REDENÇÃO

2019

OS DIFERENTES TIPOS DE FEMINISMOS PRESENTES DENTRO DA UNILAB E A
INCIDENCIA DO MOVIMENTO EM UM CONTEXTO PESSOAL E ACADÊMICO

CARLA GISELLE SILVA PONTES

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como condição necessária para a conclusão do curso de Bacharelado em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz

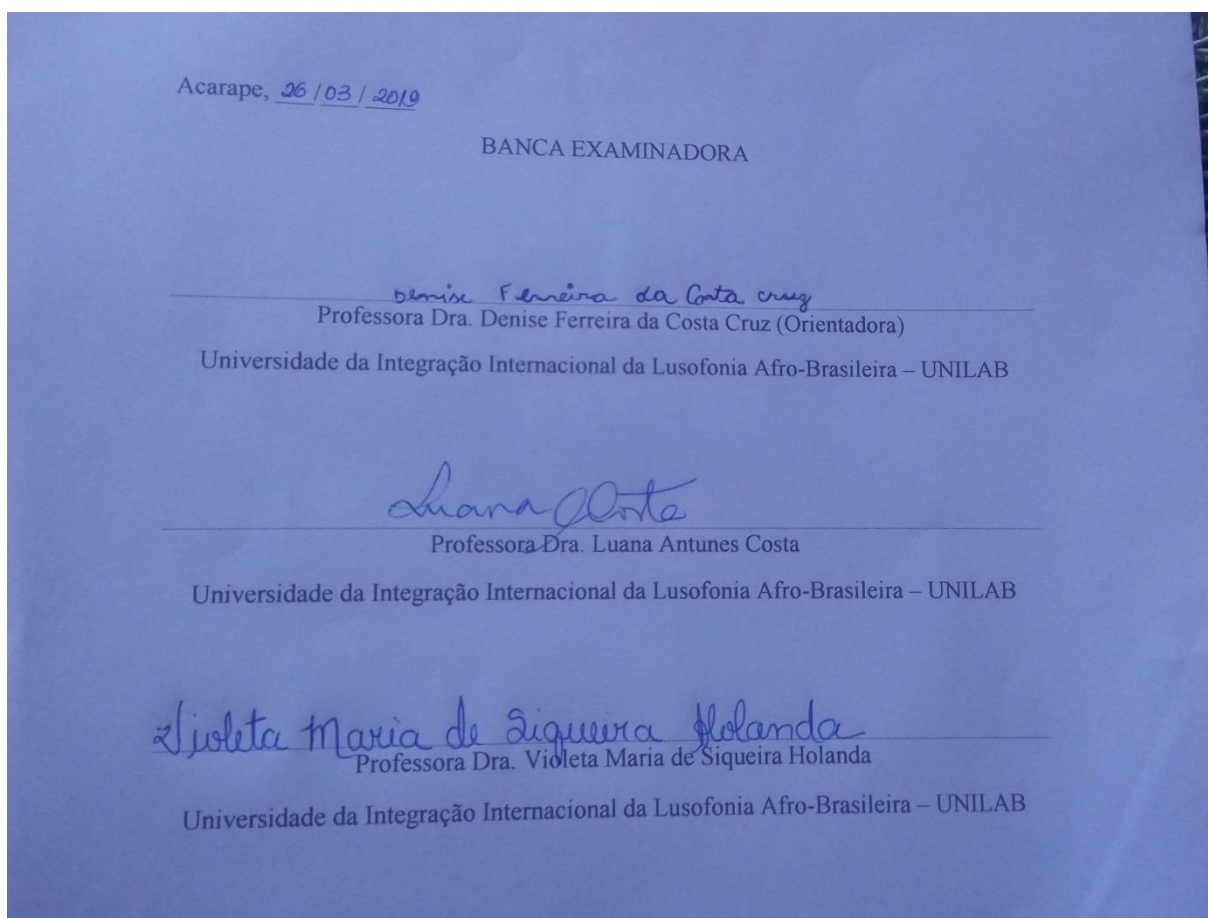
REDENÇÃO

2019

CARLA GISELLE SILVA PONTES

OS DIFERENTES TIPOS DE FEMINISMOS PRESENTES DENTRO DA UNILAB E A
INCIDENCIA DO MOVIMENTO EM UM CONTEXTO PESSOAL E ACADÊMICO

Projeto de Pesquisa colocado à disposição para a avaliação da Coordenação do Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira para a obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, creio que tudo posso pois ele me fortaleceu durante a construção deste projeto de pesquisa que sem dúvida foi um processo desgastante.

Aos meus familiares, em especial a minha mãe Geovânia dos Santos Silva e ao meu pai Francisco Carlos de Sousa Pontes (in memorium) obrigado por sempre me incentivarem e sempre terem feito tudo o que estava ao alcance para mim, vou amar vocês para sempre.

Aos meus amigos por sempre estarem comigo, cada um foi importante nessa conquista também amo vocês.

A Prof.^a Dra. Grazielle Cristina Dainese de Lima por ter acompanhado boa parte do processo de construção desse trabalho, agradeço pela compreensão, paciência, enfim por toda a ajuda dada.

A minha orientadora Prof.^a Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz primeiramente por ter aceitado meio que de última hora e por todo o apoio dado nessa reta final digamos assim.

Aos Professor/a Dr. James Ferreira Moura Junior e Dra. Luana Antunes Costa.

E as cinco alunas do Bacharelado em Humanidades que também contribuíram para a realização deste projeto, obrigada!

RESUMO

O feminismo é um movimento que luta pelos direitos das mulheres e que com o advento das redes sociais vem ganhando cada vez mais popularidade e “adeptas”. Tendo isto em mente e também levando em consideração a sua importância e a de sua existência num sentido individual e acadêmico este projeto foi produzido. O presente trabalho foi realizado mediante recursos de caráter científico como artigos, livros e documentários relacionados com fatores intimamente ligados a esta temática como as “ondas” que teriam proporcionado o surgimento do movimento acontecendo com o passar dos anos, gênero, patriarcado, violência de todos os tipos e etc. Houve também a realização de conversas com alunas para que se pudesse ter um panorama quanto a presença de alguns tipos de feminismos presentes na Unilab (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira) e o quanto a diversidade presente na mesma poderia interferir na escolha das jovens por uma ou outra linha de pensamento. Este é um projeto de pesquisa que busca identificar a diversidade de feminismos na universidade, dando alguns caminhos quanto a possíveis meios para a concepção de um movimento unificado e também possibilidades de se repensar o olhar da instituição quanto a temática “mulher”.

Palavras-chave: Feminismo, Mulher, Papéis Sociais, Patriarcado, Diversidade, Unilab.

ABSTRACT

Feminism is a movement that fights for the rights of women and that with the advent of social networks has been gaining more and more popularity and "adeptas". Having this in mind and also taking into account its importance and that of its existence in an individual and academic sense this project was produced. The present work was carried out through scientific resources such as articles, books and documentaries related to factors closely related to this theme as the "waves" that would have provided the emergence of the movement happening over the years, gender, patriarchy, violence of all the types and etc. There were also conversations with students so that one could have an overview of the presence of some types of feminism present in Unilab (University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony) and how the diversity present in the same could interfere in the choice of young people by one or another line of thought. This is a research project that seeks to identify the diversity of feminisms in the university, giving some ways as to the possible means for the conception of a unified movement and also possibilities to rethink the institution's look regarding the theme "woman".

Keywords: Feminism, Woman, Social Roles, Patriarchy, Diversity, Unilab.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 PROBLEMATIZAÇÃO	8
3 OBJETIVOS	10
3.1 OBJETIVO GERAL.....	10
3.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS	10
4 JUSTIFICATIVA	11
5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
6 METODOLOGIA	22
7 CRONOGRAMA	23
8 RESULTADOS ESPERADOS	24
9 REFERÊNCIAS	25

I INTRODUÇÃO

O feminismo é um movimento social mais conhecido por se caracterizar pela luta das mulheres em busca de seus direitos enquanto não mais meras espectadoras frente a uma sociedade dominada pelo pensamento masculino. Teria como “rival” o machismo que nada mais é do que uma supervalorização do sexo masculino seja pelas suas características físicas ou intelectuais colocando a figura feminina enquanto um ser inferior.

Essa inferioridade é reforçada quando colocamos em questão o patriarcado que é definido na obra “Diferenças Igualdade” de 2009 mais precisamente o capítulo “Gênero: A história de um conceito” por Adriana Piscitelli enquanto “(...) um sistema social no qual a diferença sexual serve como base da opressão e da subordinação da mulher pelo homem. ” (PISCITELLI, 2009, p.132). Há exemplo desse sistema social em nossa realidade temos boa parte das estruturas de poder da sociedade enquanto perpetuadoras dessa subordinação da mulher como a igreja a respeito da obediência que a mulher deve ter para como o homem no casamento, bem como o próprio Estado que é regido em sua maioria por homens tendo as mulheres uma participação política ainda mínima.

A proposta deste projeto é apresentar os diferentes tipos de feminismos presentes na Unilab (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), quem faria parte deles e a influência dos mesmos na vida das alunas em um nível pessoal e acadêmico, tendo a diversidade como um quesito importante já que cada mulher é composta por experiências que podem fazer com que se tornem semelhantes ou que também realizem um processo de diferenciação. Partindo disso é importante que se tenha em mente o que já é de certa forma veiculado pela sociedade altamente machista e sexista na qual nos encontramos, para isso aqui serão colocadas algumas palavras do trabalho “Série Antropologia” mais especificamente “A desconstrução das categorias “mulher” e “negro” “ por Mireya Suárez (1992)

“A construção da identidade feminina, baseada nas características biológicas, na celebração da maternidade e no elogio as numerosas atitudes a ela associadas, acaba por definir a mulher enquanto uma categoria natural que, resistente as forças arbitrárias da cultura, da história e da pessoa existe sempre única e imutável. ” (SUÁREZ, 1992, p. 02)

Ou seja, a mulher ao nascer assim como o próprio homem teria seus papéis sociais já predefinidos devido a características físicas de forma que ir contra isso seria ir contra a história ou algum tipo de regra. O feminismo segundo pelo menos algumas alunas com que conversei, teria dado a elas o entendimento a respeito de aspectos que são naturalizados e pelos quais a figura feminina é diretamente relacionada mais que não deveria ser como os papéis de mãe e

dona de casa, além de ter que demonstrar uma certa fragilidade em comparação ao homem já que o mesmo deve ser visto como uma figura de força, autoridade na casa.

Entretanto, hoje nem todas as mulheres querem ser mães biológicas podendo optar pela adoção ou simplesmente não querem ter filhos e muitas trabalham e sustentam a casa de forma que não são donas de casa única e exclusivamente. Dessa forma é necessário que a sociedade se reestruture de forma que quem decide seguir pelas situações aqui citadas não seja julgada por isso. Mesmo ainda faltando muito a conquistar podemos dizer que houve um certo progresso no que diz respeito a mulher quanto ao seu engajamento dentro do movimento de mulheres e conseqüentemente o florescimento de uma percepção (consciência de si), de sua liberdade através do estudo e envolvimento em organizações sociais como essa.

Traz a sensação de esperança quanto a tão sonhada igualdade pela qual tantas mulheres lutaram num passado não tão distante visto que o movimento feminista teria surgido de acordo com o texto de Adriana Piscitelli, na Europa durante o fim do século XXI e início do XX. Hoje se vê novamente o panorama de uma possível união feminina, de não mais se calar ao se deparar com situações de violência por exemplo, de reagir contra a impunidade cobrando as autoridades pelo respeito ao corpo da mulher, a ela própria em todos os aspectos.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

Os movimentos sociais são organizações que marcaram e ainda marcam a história do Brasil e do mundo, sendo que graças a eles houveram a conquista de muitos direitos tornando-se a principal ferramenta da classe trabalhadora ou das também chamadas minorias sociais em prol de melhores condições de vida, trabalho. E como não poderia deixar de ser para as mulheres essas instituições exerceram um papel ainda mais importante, no artigo de Liliansy Samarão “O espetáculo da publicidade: a representação do corpo feminino na mídia” de 2007 Maria Amélia Teles dispõe

“Ao abordar o desenvolvimento da condição da mulher na sociedade brasileira através dos tempos, sua vida, seus anseios, sua maneira de pensar e participar dos acontecimentos culturais e políticos, chegamos ao ponto de uma verificação da necessidade de reconstruir a história do Brasil.” (TELES, 2003, p.11)

É perceptível o quanto o desenvolvimento de uma consciência em que as mulheres podem ver o quanto são oprimidas cotidianamente faz com que passem a sair do “conforto” de seu lar e de fato imporem sua presença em espaços extremamente masculinizados, pensarem numa reescrita de uma história norteadada pelo androcentrismo - tendência para colocar o masculino como sendo o único paradigma de representação coletiva, estando o pensamento

masculino acima de todos os outros¹. Um dos grandes exemplos é a presença crescente das mulheres na universidade com o passar do tempo e de fato ocupando esses espaços através de participações em movimentos sociais e em suas próprias produções dentro da universidade enaltecendo e dando a importância devida a essa temática, de muito interesse pessoalmente falando por ser mulher, defensora e grata ao movimento feminista por tudo o que fez pelas mulheres e o que ainda tem potencial para conquistar.

Desse modo se faz ainda mais importante que se conheça as diferentes vertentes que se fazem presentes na universidade bem como a opinião das jovens a respeito de como o movimento atuou e continua atuando em suas vidas. Contudo um movimento unificado ainda não se faz presente na Unilab de forma que se tornou difícil encontrar de fato as meninas, tendo que me utilizar apenas de uma visão meio que pública da presença delas na universidade e a minha intimidade com algumas. Não foi algo ruim porque conhece-las um pouco mais foi de fato enriquecedor, mais tornou tudo um pouco difícil devido principalmente a ter que procurá-las uma a uma, vale acrescentar a isso também diferente disponibilidade para horários (tendo que conciliar isso com as minhas disciplinas) e tudo mais sendo que o primeiro fator citado, “o procurar”, poderia ter sido facilitado caso houvesse uma unidade do movimento de mulheres de fato. Sendo assim na intenção de explicitar o que foi dito acima aqui serão colocadas as falas de cinco alunas discentes do Bacharelado em Humanidades (que aqui serão colocadas como alunas 1,2,3,4 e 5) e suas visões a respeito do movimento na Unilab.

Aluna 01 “ - Eu vejo grande organização por parte das estudantes principalmente quando há situações de violência, assédio e tudo mais. Com certeza, eu acredito que tenha me tornado mais engajada e devido a diversidade que encontramos na Unilab me fez perceber que a ... pelo menos no feminismo negro não vemos o homem negro como nosso inimigo mais sim que devemos fazê-los participar das lutas, discussões em prol de uma mudança de mentalidade, para que as práticas machistas e patriarcais não sejam mais reproduzidas por eles. Acredito que necessite de ainda mais engajamento para que possamos mudar essa realidade que já não nos contempla. ”

Aluna 02 - “ Ele é muito presente e forte, há vários movimentos lá dentro que se interligam com o feminismo e tentam buscar melhorias para dentro dos movimentos e para a universidade em si. ”

Aluna 03 - “ Assim... em relação ao movimento dentro da Unilab eu sei que existem muitas mãos feministas, mas eu ainda não conheci nenhum movimento assim... unificado. Eu sei que

¹ <https://www.dicio.com.br/androcentrismo/>

tem grupos de *WhatsApp*, de *Facebook*, tem o Núcleo de Gênero e como participante dele tô até tentando é... trazer isso de uma forma mais concreta mais pessoal, trazer em forma de rodas de conversa, palestras uma coisa mais vivencial sabe? Que saia da rede social. Porque eu vejo muito isso, experiências de redes sociais, mas eu não vejo nada presencial e eu acho que precisa disso de algo concreto, algo vivido e eu sinto falta disso e eu creio que outras mulheres devem sentir ali dentro também. ”

Aluna 04 - “ Da universidade eu acho um movimento muito fechado, é um movimento muito do *Facebook*, de textão do *Facebook*, o mesmo que você olha numa página da internet a mesma coisa que... e se você tem uma opinião diferente você não é aceita dentro desse grupo e não é só da parte de alunos, professores também fazem isso a universidade tem uma proposta de união, empatia e não sei o que mais o que acaba é excluindo. A proposta de inclusão da Unilab ainda é uma teoria, ela ainda não foi para a prática muitos querem mais pouco fazem para fazer acontecer. “

Aluna 05 - “Eu vejo movimentos sociais no caso feministas da Unilab como um movimento lutador. São movimentos que eu posso dizer que trabalham muito na universidade... promovendo igualdade de direitos entre homens e mulheres expondo casos de estupro, assedio e machismo também na universidade. ”

A partir dessas falas sendo uma opinião bem pessoal, quanto a mulher quem melhor para falar sobre si do que ela própria? Evidentemente não estou falando aqui da exclusão dos homens ou numa proibição de eles falarem do feminismo, mas talvez os autores devam se concentrar também em escrever obras que façam os homens pensarem a respeito da masculinidade toxica que é uma descrição estreita e repressiva da masculinidade que a designa como definida por violência, sexo, status e agressão², ou seja, ações que demonstrem sua virilidade, a respeito do patriarcado assuntos com os quais então intimamente ligados de uma maneira mais profunda pois constituem características inerentes ao masculino.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

- ✓ Observar e compreender os diferentes feminismos presentes dentro da Unilab e como o movimento atua e é visto dentro da universidade pelas alunas, as mesmas tendo ou não participação dentro do movimento, e acrescentando a isso suas visões a respeito do patriarcado.

² <https://www.geledes.org.br/voce-sabe-o-que-e-masculinidade-toxica/>

3.2 Objetivos específicos

- ✓ Verificar os tipos de feminismos presentes dentro da universidade e como eles influenciam na vida tanto particular como acadêmica daqueles que dele fazem parte;
- ✓ As relações de poder bem como os casos de violência de gênero que já ocorreram no contexto da universidade;
- ✓ Demonstrar a importância do estudo de temáticas como essa na construção de uma realidade social e acadêmica menos estigmatizada e mais adequada a diversidade presente na instituição;
- ✓ Analisar as políticas de gêneros e sexualidades na Unilab e conseqüentemente o seu diálogo com os movimentos feministas.

4 JUSTIFICATIVA

A escolha por tal tema se deve as experiências vividas por mim enquanto pesquisadora e que acabaram gerando algumas perspectivas a respeito do movimento dentro da universidade, mais precisamente a instituição a qual frequento que é a Unilab. Entretanto, algo que teria exercido grande influência sobre a escolha foi a disciplina intitulada “Literatura e feminismos contra hegemônicos” ministrada pela professora Luana Antunes Costa. Tinha como base textos de autoras das quais muitas eu ainda não tinha tido qualquer tipo de contato como Conceição Evaristo, Ângela Davis, Amara Moira (a qual inclusive teria me feito “descobrir” a existência do Transfeminismo) entre tantas outras grandes estudiosas e atuantes dentro deste movimento tão importante e que fez e faz tanta diferença na vida das mulheres.

É um tema que devido à grande popularidade que vem conseguindo ao longo do tempo, especialmente com o advento das redes sociais, a circulação de informações passou a ser cada vez mais rápida de forma que se o *Google* não sabe ninguém mais saberia. A Unilab se encontra como uma instituição acadêmica que tem como em de seus principais objetivos promover a integração, sendo isto presente em seu Estatuto que foi aprovado pela resolução 42/2016 e alterado pelas resoluções 33/2017 e 34/2017 do Conselho Universitário:

Art. 8º A Unilab tem como objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP, especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional, o intercâmbio cultural, científico e educacional.

Devido ao que foi exposto a não presença de movimentos sociais no seio da instituição seria basicamente impossível. No entanto uma das principais dificuldades para a possível construção de um movimento unificado de mulheres ou o simples adentrar em algum outro movimento social, seria justamente dentro dos próprios coletivos que se encontram na instituição pois de acordo com algumas alunas essas organizações teriam espécies de líderes que acabavam criando padrões para que se adentrasse nos coletivos onde se constituam enquanto lideranças. É importante afirmar que tal panorama não se aplica a todos os grupos presentes na Unilab, tendo muitos deles uma efetiva participação feminina como o Núcleo de Políticas de Gênero e Sexualidades, RIMA (Rede Internacional de Mulheres Africanas), CIEG Dandara (Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero), além de cargos de diretoria em CA's (Centros Acadêmicos) e DCE's (Diretórios Centrais Estudantis).

Tal obstáculo afetaria a própria construção de Núcleos de Estudo da Mulher por exemplo, que aqui serão citados, quando aplicados a realidade da Unilab visto que um dos desafios estaria logo na busca de pessoas para a construção desses núcleos (pelo menos de pessoas participantes do movimento). A existência de feministas é inegável na instituição mais devido suas participações em diferentes organizações sociais poderiam aí dar início a disputas quanto a “graus de importância”. Contudo, não é de todo ruim visto que algo que gera discussão, pelo menos nessa área, ocasionalmente pode até resultar na fabricação de trabalhos de real importância para o movimento feminista ou qualquer outro movimento de cunho social. De fato, ao passo que se é positivo ter quem levante bandeiras sociais os obstáculos serão inevitáveis para que essas lutas tenham resultado.

A respeito do patriarcado que acabou sendo colocado em discussão, Heleieth I. B. Saffiot em seu artigo “Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero” de 2001 explica “(...). No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se apresenta como desvio. ” (SAFFIOT, 2001, p.115). Ou seja, o homem seria o centro das ações sociais e acabaria se utilizando desse poder para corrigir o que não lhe agrada até mesmo com a força, sendo que até este regime exerce influência sobre a sociedade ainda nos dias atuais. Podem se dar através de ações que nos oprimem, ditam como devemos nos comportar, que devemos obediência quanto aos nossos “papeis sociais”, ou seja, expande as ideias de inferioridade da mulher com relação a figura do homem.

Passados tantos anos nessa situação quando uma mulher passa a ver que isso não deve ser tratado como algo natural, que é algo que deve ser desconstruído ela passa a ser vista como uma inimiga da ordem social perante os que detêm o poder, que geralmente é a elite formada

basicamente por homens. A vista disso daí a importância da temática em prol da quebra dos padrões socialmente construídos para a mulher, assim como aspectos com os quais temos que constantemente nos deparar como violência doméstica por exemplo no ano de 2018 a Central de Atendimento à Mulher, o Ligue 180 registrou nos primeiros 7 meses mais de 740 denúncias de feminicídios e tentativas de homicídio contra mulheres e quase 80 mil relatos de violência de gênero³, e em 2019 no mês de janeiro foram registrados mais de 100 casos de feminicídio de acordo com um levantamento feito pelo professor Jefferson Nascimento, doutor em Direito Internacional pela USP (Universidade de São Paulo)⁴. Com isso se pode questionar também a eficácia da Lei Maria da Penha (nº 11.340, de 7 de agosto de 2006) que deveria proteger a mulher da violência a nível doméstico e familiar e junta a ele se tem uma outra que é a Lei do Feminicídio que passou a vigorar em 2015 promulgada pela Presidenta Dilma Rousseff⁵ e ocasionalmente das delegacias da mulher entre tantos outros aspectos de real importância para que se possa lidar com esse tipo de situação a qual tantas meninas, jovens, mulheres são submetidas.

Na universidade já foram reportadas sim situações de violência, assédio, entretanto devido a não ter a que órgão recorrer e também a uma total falta de preparação do espaço para lidar com esse tipo de situação (pois geralmente tais situações podem vir a “manchar” a reputação da universidade então não vem a público) acaba por não se tomar nenhum tipo de atitude e quando chega a público só nos resta o sentimento de impunidade que eu acredito que poderia se converter em projetos, grupos de apoio, enfim, algo que de fato pudesse ajudar as alunas.

As universidades de certa forma transmitem uma ideia revolucionária, isso seria um olhar pessoal, de que coisas como machismo, racismo, homofobia e tantas outras práticas não tem espaço dentro dela, e na nossa com certeza quando é levado em conta o objetivo aqui citado de realmente proporcionar um ensino e integração entre os estudantes nacionais e internacionais é difícil pensar em pessoas sofrendo algo do tipo. Esse diferencial perceptível da Unilab se mostra de fato muito promissor mais acredito que seja necessário que se doe um pouco mais na busca de cumprir com o seu objetivo. Infelizmente são violências que ainda acontecem sim no ambiente acadêmico e é algo com o qual temos que trabalhar para abolir da nossa realidade na

³ Dados: <https://www.esquerdadiario.com.br/Mais-de-740-casos-de-femicidios-em-2018-ja-foram-registrados-no-telefone-de-emergencia-a-mulher>

⁴ Fonte: Último Segundo - iG @ <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2019-02-04/femicidio-brasil-janeiro.html> com

⁵ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm

procura de construir uma comunidade acadêmica e uma sociedade muito mais saudável onde as diferenças sejam respeitadas e o ódio não seja cultivado.

Esse trabalho me fez perceber o quanto eu mesma ainda reproduzia coisas que hoje repudio de forma veemente, conseguiu me trazer amadurecimento além de todo o conhecimento a respeito das diferenças (dentro do próprio movimento feminista com o desenvolvimento de outras vertentes a partir dele) e o respeito que se deve ter com quem é diferente, e que ser assim não significa ser algo ruim. Tive experiências que trouxeram enriquecimento em sua forma mais genuína, a partir do momento que pude sair da minha zona de conforto intelectual na busca de algo que me despertasse, me afastasse do senso comum. Acredito que sou uma nova pessoa depois da produção desse projeto em todos os níveis que possam constituir um corpo e uma mente que se encontram completamente conscientes dos seus direitos, da luta que cada mulher trava todos os dias em busca não só da sua liberdade, mais da de uma segunda, terceira, quarta mulher.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para que se possa conhecer e entender o feminismo e os feminismos presentes na universidade que é a temática abordada por este projeto de pesquisa se fez necessário a procura e leitura de obras, artigos e trabalhos de autoras e autores que se dedicaram a este campo de pesquisa podendo inclusive terem feito parte do que veio a ser conhecido hoje como um movimento das mulheres.

A história do movimento feminista é conhecida por ter se dado através de “ondas” de acordo com a obra “Diferenças, Igualdade” de 2009, mais especificamente o capítulo intitulado “Gênero: a história de um conceito” elaborado por Adriana Piscitelli. Segundo o trabalho citado a “primeira onda” teria se dado entre o fim do século XIX e início do XX com uma maior movimentação no continente europeu e foi baseada na ideia de “direitos iguais a cidadania”, ou seja, de que haveria uma possibilidade de igualdade entre os sexos. Dito isto se faz perceptível o quão desigual e preocupante era o cenário para as mulheres já que reivindicavam algo do qual todo ser humano independente do sexo, classe social ou orientação sexual deve ter: direitos. Vale salientar ainda de acordo com a mesma obra, a temática gênero que segundo as autoras feministas seria um termo “(...) para referir-se ao caráter cultural das distinções entre homens e mulheres, entre ideias sobre feminilidade e masculinidade.” (PISCITELLI, 2009, p.119). Isso quer dizer que tal termo não mais deveria ser utilizado para se fazer meras distinções biológicas entre os sexos feminino e masculino, fazendo com que para muitas autoras se tornasse um “conceito ferramenta” na concepção de estudos sobre desigualdade, violência e da própria

supremacia de um gênero sobre outro que pode se constituir enquanto uma das pautas que teria dado base para o movimento feminista como o conhecemos hoje.

Logo após veio a “segunda onda” do feminismo que já se mostrará um movimento bem mais organizado atingindo várias outras partes do mundo ao contrário da primeira onda onde boa parte do movimento se encontrava na Europa. O livro “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir publicado originalmente em 1949⁶ “(...) é considerado precursor do feminismo da “segunda onda”, protagonizado por grupos organizados de mulheres, em diversas partes do mundo a partir da década de 1960. (...)” (PISCITELLI, 2009, p.133). Pelo título já se pode ter um pequeno vislumbre do que abordara a obra: o lugar de inferioridade da mulher na história e isso é de conhecimento geral, que sempre era colocada em um segundo plano e vista apenas nos papéis que lhe “correspondiam”.

Hoje através de movimentos sociais como o próprio feminismo obviamente é procurado romper com essa configuração social que perdura até os dias atuais. Nessa perspectiva podemos ver quanto o “conceito ferramenta” gênero citado anteriormente pode ser importante para que possamos entender as construções sociais que implicam no que seria o masculino e o feminino, bem como essa ideia de superioridade ligada diretamente ao ser que detêm os aspectos que constituiriam a masculinidade, como força, espírito de liderança características que comumente são atribuídas ao homem. Aparentemente tal afirmação acaba se mostrando falsa a partir do momento em que as mulheres passam a criarem organizações, a buscarem seus espaços.

Com o decorrer do desenvolvimento de estudos a respeito de organizações formadas pelas mulheres foi possível perceber que não necessariamente existiria apenas um feminismo mais “feminismos”, outros tipos que também puderam se desenvolver.

Duas tendências que se encontram no trabalho da educadora Maria Ignez Silveira Paulilo “Que feminismo é esse que nasce na horta?” de 2016 e que seriam um pouco mais “populares” entre os estudiosos do feminismo ou as/os postulantes a participarem de tal organização, são os feminismos de ordem liberal e socialista. O primeiro “(...) busca garantir às mulheres os mesmos direitos dados aos homens, dentro do Estado liberal. (...)” (PAULILO, 2016, p. 305). Enquanto que o segundo “(...) propõe uma mudança da sociedade existente, no sentido de maior igualdade não só entre os sexos, mas entre classes, raças e etnias, apostando em mudanças econômicas radicais como a superação do capitalismo. (...)” (PAULILO, 2016, p.305).

⁶ <https://www.saraiva.com.br/box-o-segundo-sexo-2-volumes-9280746.html>

Diante desse panorama é perceptível o quanto são correntes que mostram semelhanças em alguns aspectos, mas em especial a segunda citada que seria o feminismo socialista, apresenta uma proposta que além de mostrar uma profundidade bem interessante ao querer tentar promover uma união completa entre todos os povos, coloca em jogo também o rompimento com um sistema econômico que já se encontra basicamente consolidado em vários países, ou seja, o capitalismo. Sistema que se tornou natural a nossa realidade e que estabelece as relações de poder de acordo com o capital que cada um detêm.

Continuando com as “tipologias” desse movimento tão plural não se pode deixar de fora quando se resolve estudar sobre essa organização o movimento das mulheres negras ou feminismo negro. Sendo assim, aqui será citada uma mulher que além de estudiosa, foi participante de organizações importantes na busca pelos direitos das pessoas negras como os “Panteras Negras” e que também se fez presente no Partido Comunista dos Estados Unidos. Estou falando de Angela Yvonne Davis, pensadora que expõe toda a luta das mulheres negras seja por participação dentro do movimento feminista ou na própria sociedade em sua obra “Mulheres, Raça e Classe” de 1981⁷. A situação da mulher escravizada é um tema de imensa relevância para que se mostre de fato o cenário no qual a mulher negra se encontrava, no caso deste trabalho de Angela isso ficou explícito através de alguns trechos como o seguinte:

“Como mulheres, as escravas eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual. (...) as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas. O estupro (...) era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras.” (DAVIS, 1981, p.20)

De acordo com essa obra a situação das mulheres negras era e pode-se dizer que ainda hoje é, algo que deveria ser visto com a importância que possui que é inestimável visto que de uma forma geral os negros e negras através da história até os dias atuais ainda são vítimas de “práticas” repulsivas como o racismo. Ainda segundo a obra de Davis a população negra de uma forma geral não era vista como “gente” ao passo que os senhores evitavam de toda forma que os homens negros pudessem se fortalecer entre eles. Em relação a condição das mulheres, além de toda a questão do estupro que já é de longe algo terrível, eram vistas apenas como mão de obra e geradora da mesma: fêmeas que deveriam se reproduzir cada vez mais para que não faltasse trabalhadores.

“ (...) O trabalho doméstico era o único trabalho significativo para a comunidade escrava como um todo [...]. Foi justamente por meio dessa labuta (...) que a mulher negra escravizada conseguiu preparar o alicerce de certo grau de autonomia, tanto para ela como para os homens. Mesmo submetida a um tipo de opressão por ser

⁷ <http://lelivros.love/book/baixar-livro-mulheres-raca-e-classe-angela-davis-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>

mulher, era levada a ocupar um lugar central na comunidade escrava. Ela era, assim, essencial à sobrevivência da comunidade. ” (DAVIS,1971, p. 03)

A partir do momento que as mulheres negras foram vistas enquanto prestativas em tantos aspectos evoluíram a categoria de componente essencial, primordial da comunidade escravizada, mostraram que poderiam ser protagonistas e dessa forma conseguir a liberdade. Com o protagonismo os primeiros sinais de militância feminina por parte das mulheres negras afloraram, começaram a surgir. E desse nascimento surgiram as divergências que acabaram ocorrendo a partir do momento que o movimento feminista teve um início e as mulheres negras adentraram, entretanto não se viam representadas, a exemplo disso é colocado:

“As mulheres brancas que se uniam ao movimento abolicionista ficavam particularmente indignadas com os abusos sexuais sofridos pelas mulheres negras. (...). Embora tenham colaborado de forma inestimável para a campanha antiescravagista, as mulheres brancas quase nunca conseguiam compreender a complexidade da situação da mulher escrava. As mulheres negras eram mulheres de fato mais suas vivências durante a escravidão- trabalho pesado ao lado de seus companheiros igualdade no interior da família, resistência, açoitamentos e estupros- as encorajavam a desenvolver certos traços de personalidade que as diferenciavam da maioria das mulheres brancas. ” (DAVIS, 1981, p.38-39)

Essa questão da diferenciação das lutas das mulheres se darem através de suas experiências pode ser utilizado como um fator de importância a respeito da criação de outros feminismos e conseqüentemente da transformação do feminismo em um movimento diverso, que detêm vertentes, tendências. Cada mulher é um universo, tem suas experiências o que pode ter se tornado decisivo no caso das mulheres negras na criação de uma organização onde cada mulher detinha uma experiência semelhante à da sua companheira de luta em comparação as mulheres brancas que querendo ou não compartilhavam de uma realidade onde deveriam seguir o que era imposto pelo patriarcado enquanto mulheres negras tinham que lidar com um dos períodos que foi de longe um dos mais repulsivos da história da humanidade que foi a escravidão, tal “prática” ainda é presente atualmente em fábricas só que de uma forma não tão aberta e não se limitando as pessoas negras. É importante esclarecer que isso não quer dizer em um contexto geral que as mulheres brancas não sofriam, pois, o patriarcado em seu sentido mais amplo exprimia ‘ (...) a ideia de que os homens universalmente oprimem as mulheres, (...). ’ (PISCITELLI, 2009, p.134).

As mulheres e homens negros em sua totalidade fazem parte daqueles grupos os quais a sociedade prefere excluir e conseqüentemente marginalizar no caso das mulheres é algo ainda mais grave pois há também o fator da hipersexualização do corpo da mulher negra. Com isso se abre espaço para mais um grupo que faria parte dos “excluídos/marginalizados” que seria o das pessoas participantes da comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais,

Travestis, Transgêneros). No caso deste projeto se dará ênfase aos transexuais, transgêneros, travestis ou aqueles que não se identificam com nenhum dos gêneros e que viriam a constituir o que veio a se chamar Movimento Transfeminista. Ele

“(...) surge como uma corrente feminista voltada às questões das pessoas trans*. Frustradas com a falta de visibilidade e até mesmo exclusão dentro do próprio movimento feminista, as pessoas trans* se organizam para lutar em prol de sua emancipação e autonomia, frente uma estrutura que mantém essas pessoas à margem.” (ONG Repórter Brasil)⁸

Como se pode ver as divergências ocorrem com certa frequência quando se fala de movimentos de teor feminista, vale destacar ainda no caso deste grupo em especial a questão da violência a partir da exclusão que sofrem pela “sociedade” por não seguirem o padrão que lhes é imposto, não se identificarem com o corpo no qual nasceram. Outro fator que de fato preocupa é a violência a qual essas pessoas ficam à mercê já que muitas vezes as famílias acabam não aceitando muito bem e as expulsando de casa o que pode leva-las a caminhos como a prostituição e por consequência até a morte visto que o Brasil é um dos países que mais mata LGBT’s no mundo já que só em 2018 a cada 20 horas um LGBT foi morto⁹.

Um livro que retratará essa questão da violência juntamente com o preconceito e a prostituição é “E se eu fosse puta? ” de autoria da doutora em crítica literária, prostituta e mulher trans Amara Moira, publicado em 2016. Tal obra conta as experiências da mesma a partir do momento que se assume enquanto travesti e passa a ir para a rua se prostituir, o perigo dessa condição fica bem explícito em sua história em vários momentos como “(...). Eu, que me achava poderosa, em condições de peitar quem quer que fosse por conta da criação que tive, não dei conta de evitar que o cliente me forçasse a seguir com o programa mesmo depois de ele ter me machucado. (...)” (MOIRA, 2016, p.58). E isso só se agrava pois ela continua “(...) cada novo cliente que me aparece, a experiência da rua se torna mais parecida com uma experiência de abuso, violência (...)” (MOIRA, 2016, p.95).

Quanto ao preconceito a autora o interpreta enquanto algo que está inerente às características do indivíduo seja ele branco ou negro, mulher ou homem, o ponto é que ele ou ela enquanto travesti, transgênero ou transsexual na sociedade em que vivemos terão que receber o que ela afirma como “os olhares” que acabam por denunciar a intolerância que se faz presente no preconceituoso. A situação da comunidade LGBT de fato preocupa pois são pessoas que não tem a quem recorrer porque por mais plural que o país seja ele também é

⁸ <https://transfeminismo.com/o-que-e-transfeminismo-uma-breve-introducao/>

⁹ <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2019/01/um-lgbt-morreu-a-cada-20-horas-no-brasil-em-2018-confira-dados-do-relatorio>

racista, misógino, machista ou seja, preconceituoso em todos os níveis pois é comandado por uma elite extremamente patriarcal e totalmente intolerante quanto a qualquer um que ouse não seguir seus padrões, o que resulta na exclusão e marginalização de tantos indivíduos. A palavra que resumiria tudo isso é opressão, pois é inevitável que não se ligue todas essas práticas preconceituosas que vão desde olhares como Amara Moira já citou até a violência e consequentemente a morte não só da comunidade LGBT, mais também dos negros e negras, das mulheres, qualquer um que ouse não seguir as regras ditadas pela nossa sociedade e que por ela acabam sendo oprimidos e excluídos. Opressão que no movimento feminista é vista enquanto sexista visto que a mulher sempre teve uma participação invisibilizada durante muito tempo em assuntos públicos (políticos) por exemplo e que quando conseguiu tal coisa foi depois de muito sacrifício, muita luta.

Seguindo com nossa consideração sobre os diferentes feminismos, Luiza Bairros em texto de sua autoria intitulado “Nossos feminismos revisitados” de 1995 cita Bell Hooks (Hopkinsville, Kentucky, 1952)¹⁰ importante feminista afro americana que coloca que as mulheres não seriam oprimidas de um mesmo modo e que é necessário que se lute contra o sexismo a fim de que se possa romper com os pressupostos socialmente construídos, ou seja, com os padrões estabelecidos. Essa colocação da autora traz a luz também toda aquela questão, por exemplo, de que as mulheres negras seriam mais oprimidas que as mulheres brancas quando na verdade é tudo uma questão de se observar os diferentes tipos de opressão e a forma que cada um pode agir em um grupo social que comumente é marginalizado.

Infelizmente existem opressões e violências como as grandes disparidades no mercado de trabalho, no ambiente político, no próprio respeito para com o corpo do outro onde deveria haver respeito perante as diferenças que cada indivíduo apresenta. Diante disso não se deve fazer uma competição entre quem seria mais ou menos oprimida, se deve buscar a liberdade para todas porque a sua luta pode ser diferente da outra companheira mais o objetivo de vocês é o mesmo: igualdade, seja nos salários ou direitos, respeito nas ruas, no trabalho, nos transportes públicos porque são inúmeros os casos de mulheres que foram assediadas ou sofreram algum outro tipo de violência nesses locais e nenhuma providência foi tomada o que gera revolta e antes de mais nada medo por parte das mulheres de saírem de casa e terem que passar pelas mesmas situações sem ter qualquer tipo de perspectiva a respeito de possíveis providências.

¹⁰ <https://www.boitempoeditorial.com.br/autor/-1372>

Cabe ainda apresentar aqui uma outra face desse movimento que diz respeito ao seguinte local: as universidades. Esses espaços que hoje no Brasil podem ser conhecidos enquanto áreas onde os movimentos sociais podem apresentar um bom desenvolvimento se pensarmos que boa parte das manifestações feitas no Brasil são realizadas por jovens, o que não deve fazer com que os adultos e idosos se sintam se sintam excluídos da universidade ou da luta. No entanto, não podemos perder de vista que o acesso a elas só se tornou mais democrático há pouco tempo com a criação de políticas afirmativas, bolsas de estudo e outros projetos de origem governamental que auxiliam vários jovens que antes não tinham qualquer condição de pagarem uma faculdade e hoje tem acesso a ela de forma até gratuita podendo realizar o sonho de conquistar um diploma no nível superior.

Com base no que foi dito e no “tema” a respeito da universidade e dos movimentos sociais destaco o texto de Joana Maria Pedro “Feminismo e gênero na universidade: trajetórias e tensões da militância” de 2005, no qual a autora enaltece o papel da universidade que ao reunir variados tipos de estudantes estimularia os mesmos seja através da produção de pesquisas, artigos ou outros tipos de atividades bem como suas experiências acadêmicas ou de militância mesmo, a conquistarem seus espaços dentro das instituições seja em cargos de importância junto a este órgão ou na própria construção de organizações que representem os estudantes ou determinados grupos já que o “público” de uma universidade pode ser bem diverso.

Esse retrato é algo que faz parte do cotidiano da Unilab já que é uma universidade conhecida internacionalmente ao dar a oportunidade a alunas e alunos de outros países de cursarem o ensino superior aqui no Brasil, então a diversidade é gigante a partir do momento que podemos estar trocando experiências com pessoas de outro continente. Assim como os diferentes tipos de feminismos que podem ser encontrados e que partem basicamente das reflexões e experiências de cada uma das alunas que acabam por se identificar às vezes não só com um tipo, mais com a união de dois ou mais, é possível perceber certa indefinição quanto o que seria mais importante a se defender dependendo das diferenças que as vertentes possam vir a apresentar. Desta forma a universidade passa a se mostrar não só um lugar de obtenção de conhecimento, mais também de produção do mesmo com o intuito tanto de se ganhar espaço como de articular esses estudos de forma que eles possam contribuir para a militância, reivindicação de algo que venha a beneficiar não só a comunidade acadêmica mais também a população.

Nesse sentido é importante, obviamente, colocar a importância do estudo da temática “mulher” dentro das universidades brasileiras com a criação por exemplo de núcleos de

estudos sobre a mulher, proposta essa que pode ser vista e compreendida de melhor maneira no que diz respeito a sua situação nas instituições brasileiras em um texto da obra “Estudos feministas” de 1994 das autoras Ana Alice Alcântara Costa e Cecilia Maria Bacellar Sardenberg que tem como título “Teoria e práxis feministas na academia: Os núcleos de estudo sobre a mulher nas universidades brasileiras”. Tal estudo mostra o panorama bem como a importância de órgãos que promovam a pesquisa a respeito da figura feminina e o que a norteia ou seja que “(...) se voltam a investigação e análise de questões relativas à violência doméstica, à saúde da mulher e seus direitos reprodutivos, e às formas e níveis em que vem se processando sua inserção no mercado de trabalho. ” (COSTA, SARDENBERG, 1994, p.388-389) a importância da criação de espaços como esse vai muito além de apenas se falar da figura da mulher, pode servir como instrumento de luta dentro do ensino superior na busca de espaço seja pela pesquisa ou reconhecimento do conhecimento produzido por mulheres sobre assuntos como o feminismo ao qual estão intimamente ligadas pois ainda é muito comum a supervalorização de obras simplesmente porque homens a produziram sem ser levado em conta que mulheres também são capazes de produzir materiais riquíssimos.

Ainda nessa perspectiva do conceito “mulher” vale o acréscimo do ponto de vista de Oyeronke Oyewumi¹¹ importante socióloga nigeriana que se encontra na tese de Michelle Cirne Ilges de 2016 intitulada “A produção de ciências sociais no continente africano e a agenda do CODESRIA” onde é colocado: “ (...) o maior problema em uma perspectiva de estudo feminista seria assumir como universal a categoria de “mulher” - e sua subordinação – formada nessa ótica ocidental. ” (OYEWUMI, 2004, p.96). É perceptível o tom de crítica da mesma devido ao que podemos chamar de uma falta de reconhecimento no meio intelectual de conhecimentos que não tenham origem europeia quando se percebe o quão pouco conhecidas e utilizadas as intelectuais negras e suas obras são ainda hoje.

De certa forma quando falamos de movimentos de resistência as mulheres podem transmitir um olhar um pouco mais vivido, pois resistir para existir é um exercício diário quando se vive em uma sociedade na qual práticas de natureza patriarcal ainda são extremamente presentes e aplicadas, mesmo no ambiente acadêmico em que a ideia de igualdade talvez sob um olhar de fora pudesse transparecer o que na prática acaba por não ocorrer. Como sabemos criações de tais espaços vão ter que sofrer com as barreiras que são impostas para todo movimento social, o que eles não deixam de ser já que de certa forma iram exercer constantes exercícios de questionamento a respeito do que seria ser mulher, do porquê

¹¹ <https://www.stonybrook.edu/commcms/sociology/people/faculty/oyewumi.php>

desse estado de inferioridade ao qual a população feminina se encontra e tantos outros temas de real importância para os estudos sobre a mulher e que carregam consigo essa outra face destinada a resistência e luta. Os principais desafios segundo a obra de Ana Alice e Cecilia seriam basicamente com a instituição no que diz respeito a legitimidade científica que teria a questão “mulher” bem como sua relevância para que de fato pudesse haver uma conversão em algo que mereça análise e incentivos à produção de trabalhos, pesquisas, materiais que deem impulso ao tema.

Dessa forma após tudo que aqui expus é perceptível que o feminismo se tornou um movimento muito grande e que acabou incentivando a criação de vertentes e novos movimentos a partir de suas bases, a exemplo disso foi citado o Transfeminismo. Para além é um movimento presente na Unilab mais as feministas por estarem dentro de outros movimentos presentes também dentro da universidade acaba por não se ter nesse ambiente uma dita “organização das mulheres” ou digamos um Núcleo Unificado de Mulheres que seria um novo grupo social na Unilab além do próprio Movimento Estudantil que é bem ativo na universidade. É notável uma demonstração mais forte do posicionamento das meninas na internet através das redes sociais como o *Facebook* e de uma forma um pouco mais constante no *Instagram*. Sendo assim um movimento de fato unificado nessa instituição ainda não teria vingado num sentido concreto apesar da existência de tantos outros movimentos sociais de forma que organização, um fator básico para qualquer movimento, acaba se fazendo necessária bem como também um projeto bem elaborado pelas próprias alunas até em busca da desconstrução das “culturas” do machismo, assédio dentro da universidade e da comunidade.

6 METODOLOGIA

Para a realização deste projeto optei primeiramente pela realização de um mapeamento simples que se deu através da procura de grupos do movimento feminista ou simplesmente algumas alunas que se consideram feministas mais não necessariamente fariam parte de algum grupo da universidade para que se pudesse comprovar sua existência de alguma forma dentro da Unilab.

Tendo encontrado essas alunas foram realizadas conversas com as mesmas a respeito do que essas mulheres sabiam sobre o movimento, se participaram de algum dentro ou fora da universidade e como viam sua presença no cotidiano do espaço acadêmico e em sua vida particular. Um outro objetivo incluído dentro dessas ações e que seria central dentro deste

projeto é a descoberta da diversidade de movimentos de cunho feminista dentro da universidade, quem faria parte deles e que vertentes poderiam ser encontradas.

A modalidade de pesquisa utilizada é a bibliográfica que envolve a leitura de livros, artigos e outros materiais, no modo qualitativo, método em que é feita uma investigação científica que se foca no caráter subjetivo do objeto analisado (que no caso seriam as alunas e interlocutoras), estudando as suas particularidades e experiências individuais, por exemplo¹². Para além disso em prol de um enriquecimento para o projeto e até pessoal a pesquisadora se fez presente em alguns movimentos com essa perspectiva do feminismo como sua participação no dia 29 de setembro que ficou marcado por um conjunto de manifestações que se espalharam pelo país que ficou conhecido como “Ele Não”, inclusive houve na universidade com a organização a cabo de grupos como o Levante Popular da Juventude, em repúdio á declarações consideradas machistas, misóginas, ou seja, preconceituosas feitas pelo o então candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro que acabou sendo eleito presidente no segundo turno das eleições de 2018.

Somando-se ao material utilizado se faz necessário colocar o “método” de assistir documentários a respeito do movimento que também condiz com um material de pesquisa rico em conteúdo. No caso deste projeto o material cinematográfico utilizado foi o documentário “She’s Beautiful When She’s Angry” de Mary Dore e Nancy Kennedy de 2014 em que se apresenta a jornada das mulheres do movimento feminista dos anos de 1960 nos EUA¹³. É bem interessante porque conta através das falas de mulheres participantes dessa história, alguns dos principais assuntos que se tornariam grandes bandeiras do movimento como os padrões de beleza, aborto bem como os métodos contraceptivos e a falta de reconhecimento das produções literárias bem como das formações acadêmicas das mulheres.

De modo geral todos os recursos aqui utilizados me deram alguma ideias a respeito da diversidade e presença do feminismo na instituição e na vida das alunas que era um dos meus objetivos. Ele mudou a percepção de como as alunas viam a sua realidade e mostrou a elas que era possível sim combater ações que as oprimiam, violências mesmo que se faziam presentes em suas respectivas realidades.

7 CRONOGRAMA

¹² <https://www.significados.com.br/pesquisa-qualitativa/>

¹³ <https://www.netflix.com/>

ETAPAS	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR
Estudo sobre metodologia científica	X								
Construção do pré-projeto		X							
Construção do projeto			X						
Levantamento bibliográfico									
Fichamento de textos									
Coleta de fontes									
Análise de fontes									
Organização/aplicação de questionários e entrevistas									
Tabulação de dados									
Redação do trabalho									
Apresentação em evento científico									
Redação/redação final/entrega									X

8 RESULTADOS ESPERADOS

Como resultados desse projeto acredito que foi possível observar os diferentes feminismos presentes dentro da universidade e o quão importante foram e ainda são na vida das jovens que foram entrevistadas e que estão na Unilab. O projeto futuramente também pretende ir além em busca da descoberta de grupos que contemplem essa temática ou das propostas da própria universidade quanto a políticas afirmativas por exemplo de forma a tentar constituir os Núcleos de Estudo ou simplesmente grupos de estudo em especial obviamente estudando o conceito de gênero, em especial obviamente no que diz respeito ao feminino.

Para além pensar na possibilidade de fortalecer grupos já existentes na busca da construção de um movimento unificado, onde para se participar não é necessário que o

indivíduo se esforce para se encaixar em algum padrão de forma que o poder seja exercido de forma democrática entre seus membros, coisa que dentro dos movimentos sociais é uma constante: poder ao povo e exercido pelo mesmo. Se está reforçando a necessidade de algo unificado devido aos casos de violência contra a própria mulher dentro da própria Unilab, para que as mulheres tenham a quem recorrer e buscar apoio porque mais do que produzir artigos, textos e outros esses órgãos devem estar prontos para dar total assistência a vítima de forma que tomem providências para que crimes dessa natureza sejam cada vez menos recorrentes dentro da instituição bem como da comunidade também, porque a conscientização vale para todas.

9 REFERENCIAS

- BAIROS, L. Nossos feminismos revisitados, **Estudos feministas** 1995 (p. 458-463).
- COSTA, A. A. A.; SARDENBERG, C. M. B. “A Institucionalização dos Estudos Feministas Dentro das Universidades - TEORIA E PRÁXIS FEMINISTAS NA ACADEMIA Os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras”. **Estudos Feministas**, 1994.
- DAVIS, A. Y. Mulheres, Raça e Classe, São Paulo: Boitempo, 2016.
- MOIRA, A. “E se eu fosse puta? ”. São Paulo: Hoo Editora 2016.
- MOIRA, A. “O Cis pelo Trans”, **Estudos Feministas** Florianópolis, (p.365-373).
- PAULILO, M. I. “Que feminismo é esse que nasce na horta? ”. **Política & Sociedade** - Florianópolis - Vol. 15 - Edição Especial – 2016 (p.296-316).
- PEDRO, J. M. Feminismo e gênero na universidade: trajetórias e tensões da militância, 2005.
- PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito, ALMEIDA, H. B. De; SZWAKO, J. E (orgs.); **Diferenças, Igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009 – (**Coleção sociedade em foco: introdução as ciências sociais**), (p.116-146).
- SAFFIOTI, H. I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero, **Cadernos pagu**, 2001 - SciELO Brasil
- SAMARÃO, L. O espetáculo da publicidade: a representação do corpo feminino na mídia, 2007.
- SUÁREZ, M. Desconstrução das categorias “Mulher” e “Negro” – **Serie Antropologia**, Brasília, 1992

SITES CONSULTADOS

<https://www.boitempoeditorial.com.br/autor/-1372>

<https://www.dicio.com.br/androcentrismo/>

<https://www.esquerdadiario.com.br/Mais-de-740-casos-de-feminicidios-em-2018-ja-foram-registrados-no-telefone-de-emergencia-a-mulher>

<https://www.geledes.org.br/voce-sabe-o-que-e-masculinidade-toxica/>

<http://lelivros.love/book/baixar-livro-mulheres-raca-e-classe-angela-davis-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>

<https://www.netflix.com/>

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm

<https://www.saraiva.com.br/box-o-segundo-sexo-2-volumes-9280746.html>

<https://www.significados.com.br/pesquisa-qualitativa>

<https://www.stonybrook.edu/commcms/sociology/people/faculty/oyewumi.php>

<https://transfeminismo.com/o-que-e-transfeminismo-uma-breve-introducao/>

<https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2019-02-04/feminicidio-brasil-janeiro.html> com

<http://www.unilab.edu.br/estatuto-da-unilab/>